

Filosofia e literatura: estética e subjetividade em “Famigerado” de Guimarães Rosa

Philosophy and literature: aesthetics and subjectivity in “Famigerado” of Guimarães Rosa

*Wagner Guedes**

Resumo: O artigo busca identificar elementos filosóficos, que permeiam um dos maiores sucessos literários do escritor mineiro Guimarães Rosa, o conto “Famigerado”, segundo dos vinte e um que integram a obra “Primeiras Estórias” de 1962. Para tanto, cabe a essa pesquisa não só investigar, mas também delinear a comunicação entre a filosofia e a literatura empregada no conto, sustentado na premissa de que há componentes filosóficos intrínsecos, que por sua vez compõem, dimensionam e integram elementos estéticos, elevando-a a um reconhecido patamar de excelência.

Palavras-chave: Estética, Literatura, Filosofia, Comicidade, Ironia.

Abstract: The article seeks to identify philosophical elements that constitute one of the greatest literary achievements of miner writer Guimarães Rosa, the story “infamous,” according to the twenty-one comprising the book “First Stories” of 1962. Therefore, it behooves this research not only to investigate but also delineate the communication between philosophy and literature used in the story, supported the premise

* Wagner Alves Guedes é doutorando em filosofia da linguagem pela Unisinos de São Leopoldo-RS, onde é devidamente orientado pelos Professores: Dr. Marco Antonio Oliveira de Azevedo e Dr. Luiz Rohden. Contato: guedes.wagner@uol.com.br.

that there are intrinsic philosophical components, which in turn make up, they measure and integrate aesthetic elements, elevating the to a recognized level of excellence.

Keywords: Aesthetics, Literature, Philosophy, Humor, Irony.

“Todos os meus livros são simples tentativas de rodear e devassar um pouquinho o mistério cósmico, esta coisa movente, impossível, perturbante, rebelde a qualquer lógica, que é a chamada ‘realidade’, que é a gente mesma, o mundo, a vida.”

(Guimarães Rosa)

Introdução

O texto “Famigerado” segue a característica de Guimarães Rosa, ao apreender uma pesquisa formal, que por sua vez detém em seu cerne uma extrema delicadeza. Tais atributos facilmente levaram a crítica a classificá-lo como uma “atordoante poesia”, uma vez que foram empregados elementos da cultura erudita e popular, culminando e mesclando-as em um verdadeiro jogo metalinguístico.

Em “Famigerado”, baseando-se na dicotomia jagunço-boticário, o autor na posição de narrador onisciente, busca através de um ato da consciência e não de uma simples ação voluntária engendrar-se na essência da linguagem, com isso, a obra recebe um incomensurável valor estético, mesmo que por vezes venha a transgredir a gramática normativa e os códigos linguísticos.

Tal como expresso em uma crítica na contracapa de uma de suas edições, o tratamento dado aos temas de “Primeiras Estórias” é diversificado, uma vez que ora transita no patético, no sarcástico, lírico, erudito, jocoso e popular.

“Famigerado”, tal como a maioria dos contos que compõem “Primeiras Estórias”, se desenrola numa região não especificada, contudo reconhecível como a das obras anteriores. Embora o cenário seja somente esboçado de forma simples, como é de estilo de Guimarães

Rosa, seu mundo é identificável, onde detém um ambiente próprio, um espaço que não carece de marcas geográficas, demarcações, ou calendários. Seu tempo e referências se dão de forma própria, pela expressão e facetas de seus personagens, que por sua vez geram essa reconhecida estrutura que é facilmente assimilada pelo leitor.

Assim, parece caber ao leitor deleitar-se no caráter universal e metafísico que envolve o conto, que por sua vez gera ainda uma incontestável marca de excelência literária e filosófica.

Primeiras estórias

Não é difícil concordarmos com os críticos e estudiosos da literatura, que “Primeiras estórias”, certamente é a melhor obra para quem prima por uma iniciação em Guimarães Rosa. Logo no prefácio da 43ª impressão da Editora Nova Fronteira, Paulo Rónai alerta para a importância do entendimento do título do livro:

“Estória” seria o neologismo que distingue a história como conto, ou seja, “relato de acontecimentos fictícios” da história como registros de acontecimentos reais da vida de povo de países. E “primeiras” não está aqui no sentido de juventude – ou de trabalhos anteriores já publicados em volume –, mas sim por ser a primeira vez que o autor pratica o gênero “estórias”, ou seja, o conto curto (ROSA, 1988, prefácio).

Fato é que, muitos leitores devem concordar que obras como “Famigerado” torna ainda mais relevante o valor estético e, por conseguinte justifica a origem da língua. Essa expressão pode ser fundamentada nas palavras de Rousseau (2003):

As necessidades ditaram os primeiros gestos e as paixões arrancaram as primeiras palavras. Seguindo com essas distinções os rastros dos fatos, seria preciso raciocinar sobre a origem das línguas de modo totalmente diverso do que foi feito até aqui. As línguas tiveram origem nas necessidades morais, nas paixões. As paixões aproximam os homens. Não a fome, não a sede, mas o amor, o ódio, a piedade, a cólera arrancaram as primeiras palavras. Os frutos não nos fogem das mãos, podemos nutrir-nos com eles sem falar; podemos seguir silenciosamente a presa que queremos que nos alimente; mas para

comover um jovem coração, para afastar um agressor injusto, a natureza dita inflexões, gritos e gemidos. São essas as palavras mais antigas inventadas, e eis porque as primeiras línguas foram cantantes e apaixonadas, antes de serem simples e metódicas... (ROUSSEAU, 2003, p. 315).

Em “Primeiras Estórias” há uma perspectiva mítica envolvendo a história brasileira, seu cenário, seu povo e suas angústias, mas, sobretudo, apresenta como ponto central a astúcia, ora transformada em elemento mítico deteriorado ou como pouco residente do mito no que diz respeito à leitura do processo social.

Em meio aos demais contos, ao ler “Famigerado”, não é difícil notarmos que a mudança na representação se dá na força da matéria, que por sua vez investiga a ficção rosiana.

Narrado em primeira pessoa, o conto “Famigerado”, constitui-se num episódio cômico, onde o autor centraliza sua ideia na revelação instaurada no confronto entre um médico e um jagunço, contando ainda com um jovem do Governo. Decerto podemos opor ao poder da força, enquanto o Doutor infere o poder da instrução, mais especificamente o conhecimento médico. Não obstante, uma vez revelado o sentido dicionarizado do termo “famigerado”, certamente o médico estaria cumprindo sua sentença de morte.

Também vale ressaltar, que o Jagunço não estava preparado para essa verdade, embora estivesse em sua frente – mas a enxergou. “Lançado” às trevas, não foi capaz de perceber o brilho do lampião colocado à sua frente. Diante disso, sai ofegante de alívio e pura felicidade.

Filosofia e literatura

Guimarães Rosa compreende um exímio escritor, na verdade um dos mais notórios do Brasil, quase todas suas obras ambientam-se no chamado sertão brasileiro, com isso, retrata a condição do sertanejo de maneira expressivamente natural, quase, senão, adentrando no enredo como parte dele. O conto “Famigerado” transforma-se em seu *peripatos*, uma vez que o autor “passeia” pelo campo semântico e metalinguístico, ora fundamentado no “perpétuo movimento” e na inquietude humana apresentada em suas linhas. Segundo Rohden

(2009), referindo-se a “Grande Sertão Veredas” e a metafísica rosiana, dita que a vereda *lógica* da narrativa configuraria o *método* por excelência da metafísica de Guimarães Rosa, assim expõe que ela, a metafísica, seria diferente dos métodos empregados para a “construção de sistemas filosóficos que expulsaram a temporalidade do seu bojo e pretenderam possuir a chave de compreensão e expressão do real estando condenados à implosão, pois o mundo é movente” (ROHDEN, 2009, p.158).

Nesse sentido, integra em seus recursos estilísticos a capacidade de interação com a mente dos personagens, pensando a consciência, que segundo Wolf (1999):

Pensar a consciência é pensar a si mesmo, pois todo pensamento é, de uma certa maneira, “um fato de consciência”. Não se pode esforçar-se por saber o que é a consciência sem “ter consciência” disso. A consciência não pode ser objeto sem ser ao mesmo tempo agente, já que é apenas por uma consciência que uma consciência deve ser pensada. [...] Por mais que se tente pensar fora da minha consciência estou sempre nela. Por definição, não se pode ter consciência do que há dentro de outra consciência. É por isso que ela, como a linguagem, está ao mesmo tempo ali onde estão todas as coisas fora de nós e ali de onde podemos pensá-las todas. A consciência, como a linguagem, faz mundo (WOLFF, 1999, p. 10).

Obtêm-se como resultados, suprimentos maiores do que a possibilidade e recursos para se contemplarem os aspectos da *interlocutividade* e de interdiscursividade na análise desses processos. Emprega-se então, subterfúgios modernos e realistas, que por fim aguçam a máxima existencial de cada um desses personagens, tal como observado no fragmento de “Famigerado”:

Foi de incerta feita — o evento. Quem pode esperar coisa tão sem pés nem cabeça? Eu estava em casa, o arraial sendo de todo tranquilo. Parou-me à porta o tropel. Cheguei à janela. Um grupo de cavaleiros. Isto é, vendo melhor: um cavaleiro rente, frente à minha porta, equiparado, exato; e, embolados, de banda, três homens a cavalo. Tudo, num relance, insolitíssimo. Tomei-me nos nervos. O cavaleiro esse — o oh-homem-oh — com cara de nenhum amigo. Sei o que é influência de fisionomia. Saíra e viera, aquele homem, para morrer em guerra. Saudou-me seco, curto pesadamente. Seu

cavalo era alto, um alazão; bem arreado, ferrado, suado. E concebi grande dúvida (ROSA, 1988, p.13).

Nesse contexto, como resultado, a obra emana um incontestável valor estético mostrando-se como um conjunto significativo de acontecimentos que influencia sujeitos, seja na perspectiva filosófica, seja na perspectiva literária. Pertinente, Rohden (2009) afirma que a obra de Rosa se sustenta e aponta para o além, para algo que escapa ao controle conceitual e escorrega da apreensão lógico-racional, tal como nos conta em “Aletria e hermenêutica”: “A vida também é para ser lida. Não literalmente, mas em seu suprassenso. E a gente, por enquanto, só a lê por tortas linhas” (ROHDEN, 2009, p. 152 *apud* ROSA, 1969, p. 4).

Quando Guimarães Rosa adota a força inventiva da linguagem, dá forma às experiências existenciais e ressalta a beleza estética que, por conseguinte aproxima ainda mais a filosofia da literatura. Nesse momento, delinea a percepção sensível do mundo, que nas palavras de Friedrich Schiller:

A beleza, portanto, é objeto para nós porque a reflexão é condição sob a qual temos uma sensação dela, mas é, ao mesmo tempo, estado de nosso sujeito, pois o sentimento é a condição sob a qual temos uma representação dela. Ela é, portanto, forma pois que a contemplação, mas é, ao mesmo tempo, vida, pois que a sentimos. Numa palavra: é, simultaneamente, nosso estado e nossa ação. Por ser os dois ao mesmo tempo, a beleza serve-nos como prova decisiva de que a passividade não exclui a atividade... (SCHILLER, 2002, p. 127).

É notório que o conto “Famigerado” invade os campos da Metafísica e Estética, pois está centrado na relação empregada pelo autor no que concerne entre muitos, o pensar, a paixão, a ação e a poesia, principalmente ao que se refere à diversidade de estatutos imputados ao ser. Rohden (2009), expressa que a partir da filosofia, “[...] o que o autor chamou de *metafísica da língua e linguagem da metafísica*, compõem o que podemos designar de sua *metafísica da linguagem*” (ROHDEN, 2009, p. 151). Não obstante, afirma ainda que a metafísica é inegavelmente um dos principais temas da Filosofia, a tal ponto que ela constitui “a linha mestra de toda história da Filosofia” (Rohden 2009, p.151 *apud* VAZ, 1994, p. 404).

Enquanto representação artística e estética, dada principalmente pelas percepções empregadas e de maneiras inusitadas ao objeto, vale citar Hegel, uma vez que o filósofo alemão sugere o que decerto Rosa aplicou ao conto “famigerado”, ou seja, o fez de uma forma que até então não se via, pelo menos no panorama de produção de novas percepções, novas descobertas e, sobretudo de novas perspectivas:

A arte deve, por um lado agarrar esta riqueza onipresente do conteúdo para completar a experiência natural de nossa existência exterior; por outro lado, deve excitar aquelas paixões em geral para que as experiências da vida não nos deixem insensíveis e então possamos alcançar a predisposição para todos os fenômenos (HEGEL, 1999, p.66).

O autor promoveu em “Famigerado”, uma variedade que traspassa estilos, dessa forma, para quem a aprecia, automaticamente ingressa em uma condição de deleite e proveito, descobrindo por fim, que as palavras são sinais de ideias, tal como expresso por Locke (2005): “Foi necessário que o homem descobrisse algum sinal sensível e externo, mediante o qual aquelas ideias invisíveis pudessem tornar-se conhecidas pelos outros [...]” (LOCKE, 2005, p.275).

Locke (2005) acreditava na possibilidade que temos em entender como as palavras são empregadas pelos homens como sinais das suas ideias, não por alguma conexão natural que pudesse existir entre sons articulados particulares e certas ideias, posto que nesse caso “só existiria entre os homens uma única linguagem, mas por uma imposição voluntária mediante a qual uma determinada palavra é adotada arbitrariamente como sinal distintivo de uma ideia” (ibidem).

Subjetividade e estética

O escritor mineiro toma a arte como uma forma expressionista da condição humana. Em síntese, Guimarães Rosa adentra-se na arte literária, pressupondo-a como um dos campos mais expressivos da atividade humana, principalmente ao dar a ela forças essenciais e atos genéricos próprios da existência universal do homem.

Na obra de Guimarães Rosa, a subjetividade é literalmente exposta pela multiplicidade de perspectivas apresentadas. A exemplo, o posicionamento do médico face às condições e alternativas é de medo, contudo, por meio de sua astúcia, “dribla” esse sentimento, tornando-se adaptável à condição através da manipulação da linguagem. Tal argumento pode ser fundamentado na palavra de Benveniste, ao afirmar que “A linguagem está na natureza do homem, que não a fabricou” (BENVENISTE, 1991, p.285), principalmente dado a ideia de que se instaura na subjetividade, pois “é a capacidade do locutor para se propor como *sujeito*” (ibidem, p.286).

Nesse sentido, a expressividade enquanto marca remete para a subjetividade do escritor. Tal condição “desviante” salienta valores, que por sua vez dão e adicionam singularidade estética ao texto, tal como expresso nesse fragmento: “Damazio, quem dele não ouvira? O feroz. Das estórias de léguas, com dezenas de carregadas mortes”. Notamos, que tanto nas expressões quanto nas palavras, na estilística sintática ou fonológica, que sempre contém uma marca original transgredindo o trivial, o corriqueiro, fornecendo um novo sentido, que por sua vez dá um caráter pitoresco ao leitor do texto, dessa forma, Guimarães Rosa entra em um seleto rol de escritores detentores de uma marca distinta pela aplicabilidade e originalidade.

Pertinente, Sapir (1980) comenta:

É lícito ao artista utilizar-se dos recursos estéticos naturais da sua fala. Deve sentir-se feliz em ter uma palheta rica em cores, um trampolim favorável. Mas não se levem a seu crédito os bons achados que decorrem da própria língua. Cumpre-nos dar por admitida a presença da língua com toda a sua flexibilidade ou rigidez, e ver a obra do artista em relação a ela (SAPIR, 1980, p. 177)

O conto “Famigerado” tem em seu modelo estético, recursos de figuração de linguagem, entre eles a metáfora, onde em determinado momento é utilizada para medir a intrínseca crueldade do jagunço na distância que essas estórias alcançam, a exemplo do vocábulo “légua”. “Damazio, quem dele não ouvira? O feroz. Das estórias de léguas, com dezenas de carregadas mortes [...]”. Nesse proposital “jogo” linguístico, uma vez que “légua” representa distância; a expressão “estória de léguas” remete-nos ao tratamento da expressão como “longa estória”.

Essa figura de linguagem é parte do campo semântico, que adaptada é também parte integrante da linguagem do povo sertanejo. Damazio se constitui pela inferência e expressividade em meio aos artifícios linguísticos empregados pelo autor. Não obstante, a estilística empregada por Guimarães Rosa, torna uma de suas chaves para adentrar ao mundo da arte literária, fruindo significativamente nos aspectos estéticos que expressa em sua obra. Assim, retrata a condição humana em seu ambiente, em sua imprevisibilidade, dramaticidade, sublimidade e até mesmo em seu cotidiano. Tais apontamentos fundamentam-se pelo estruturalista e linguista francês, Mile Benveniste¹ ao expressar que “É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito” (BENVENISTE, 1991, p. 286).

Em sua teoria, Wolfgang Iser (1996) aponta sobre o efeito estético literário em relação ao mundo:

O texto literário é uma reação do autor ao mundo e ganha caráter de acontecimento à medida que traz uma perspectiva para o mundo presente que não está nele contida. Mesmo quando um texto literário não faz senão copiar o mundo presente, sua repetição no texto já o altera, pois repetir a realidade a partir de um ponto de vista já é excedê-la (ISER, 1996, p.11).

No caso de Guimarães Rosa, a arte é tomada como uma forma expressionista da condição humana em uma síntese interdiscursiva, com isso, no momento em que os personagens se põem em seus diálogos sobre a conveniência situacional, são levados a sentir emoções diversas, ante o infortúnio da desolação e do medo.

Segundo Lévinas (1988), por vezes há a necessidade de “pôr o ser em questão”, assim podemos entender, que tal conselho pode ser intuitivo como o ato da leitura, ou um mecanismo estético que por finalidade

¹ *Émile Benveniste* (1902, Cairo – 1976) foi um linguista estruturalista francês, conhecido por seus estudos sobre as línguas e pela expansão do paradigma linguístico estabelecido por Ferdinand de Saussure. Iniciou seus estudos na Sorbonne com Antoine Meillet, que fora aluno de Saussure. Lecionou na *École Pratique des Hautes Études*; mais tarde, trabalhou no *Collège de France* como professor de linguística. Nessa época, já havia iniciado suas pesquisas sobre gramática comparada das línguas indo-europeias. Em 1961, fundou com Claude Lévi-Strauss e Pierre Gourou a revista de antropologia *L'Homme*. Permaneceu no *Collège de France* até 1969, quando se aposentou devido a problemas de saúde.

venha não só buscar o próprio sentido do texto, mas também passar uma mensagem. Portanto, “ler o que não está dito, pensar o que, todavia há que pensar, dizer o inefável, escutar o silêncio” (LARROSA, 1998, p. 370).

Comicidade e ironia

É perceptível, que de maneira estrutural, antagônica e até certo ponto dramática, a comicidade e a ironia são igualmente utilizadas como mecanismo subjetivo e estético no conto “Famigerado”. Tampouco, o escritor não dá recursos para que se eliminem tais recursos das pretensões do conto, fazendo com que gere inquietações, a exemplo do medo e do receio, os quais ao mesmo tempo em que se tornam atos cômicos, participam das atribuições dramáticas de seus personagens.

Segundo RAMPAZZO (2004):

O cômico e o riso são tão amplamente encontrados nas formas de vida do homem que podemos considerá-los como fatos próprios de seu comportamento, mas apesar de estar presente nas mais diversas manifestações humanas, como na arte, literatura e mesmo na vida cotidiana, por meio de pensamentos, ações e comportamentos risíveis, não se caracteriza como um gênero literário à semelhança do épico, lírico ou dramático. E, embora abranja tudo o que se relaciona ao homem, a comicidade tem sido legada ao abandono por ser considerada matéria pouco séria, como mostra o próprio ditado popular *muito riso, pouco riso* (RAMPAZZO, 2004, p. 11).

A comicidade é fundamentada na recepção, que por sua vez deve ser compreendida como uma manifestação da realização em relação à estrutura da obra, na execução de sua leitura ou produção, ou seja, “o impacto da obra na sociedade e na história” (ZILBERMAN, 1989, p.40). Assim, pode ser considerado um efeito estético que por um momento é condicionado pelo destinatário para a concretização do sentido da obra. “Para a teoria da recepção, o leitor *concretiza* a obra literária, que em si mesma não passa de uma cadeia de marcas negras organizadas numa página” (EAGLETON, 2001, p.105).

Pressupõe-se também, que o conto se manifesta no experienciar dinâmico da obra literária pelos leitores e pelas sensações a eles impostas, ressaltando a importância da interação e da aplicação dos

recursos estéticos pertinentes. Nesse caso, a comicidade pode ser dada como exemplo, enquanto o recurso da ironia remete-nos ao pensamento de Kierkegaard (1991), que expressava a ideia, de que a ironia não objetivava a comunicação de nada, contudo faz revelar algo no ouvinte, no outro, como se permitisse a fala do outro. Seria então, um arranjo de espírito permitindo e estimulando a exposição e a fala do outro, uma vez que: “Em todos os casos a ironia se mostra como aquela que compreende o mundo, que procura mistificar o mundo circundante, não tanto para ocultar-se quando para fazer os outros se revelarem” (KIERKEGAARD, 1991, p. 219).

Conclusão

Guimarães Rosa ao idealizar o sertanejo ocupa-se concisamente dos aspectos quase curvilíneos da linguagem, onde aplica um realismo exploratório e coloquial, mas também metafísico, onde em certo momento reconhece que em sentido amplo “embebedaria seus textos”.

E é a metafísica presente em sua obra, que evidencia a intrínseca riqueza da linguagem, como também ressalta o caráter universal das questões morais, principalmente na execução narrativa da temática, que aflige os segredos submersos e trazem à tona os mistérios da vida. Não obstante, por meio do conto “Famigerado”, o autor parece empregar um testemunho existencial, a si e a seus personagens – E não se trata de um testemunho vago, genérico ou indeterminado, mas sim qualificado, exato e, sobretudo determinado. Essas condições, as quais podemos classificá-las como “desviantes”, salientam valores, que por sua vez dão e adicionam singularidade estética ao texto.

Para tanto, vale-se de uma particularidade, a arte – essa representada pelo poder da linguagem e pelo emprego particular dos vários modos de ser devidamente atribuído a seus personagens, sem obrigatoriedade de marcação de tempo, geografia ou demarcações, pois tudo ocorre no particular, na vida, no regional. Observamos aí que a linguagem é parte integrante da natureza do homem, instaurada, portanto, na subjetividade, uma vez que propõe o homem como sujeito.

Fato é que a estilística literária de Guimarães Rosa, aplicada no conto “Famigerado”, permite em sua leitura, a abertura de um diálogo filosófico com o mundo vivido, onde certamente são trabalhados

alguns dos infindos segredos existenciais. Tais recursos contidos na obra de Rosa evidenciam o caráter estético empregado, que por sua vez não se caracterizam como normativo ou padronizado. O ato irônico e malicioso torna o autor consciente de seus propósitos, contudo o que não for inocente em “Famigerado” pode ser equivocados. Todavia, essa inocência tocada pela comicidade, acaba por tornar-se risível.

Referências bibliográficas

- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos, 1991.
- EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. Tradução de Waltensir Dutra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- HEGEL, G. W. F. *Cursos de estética I*. Tradução de Marco Aurelio Werle. São Paulo: Edusp, 1999. Parte do texto selecionada: Parte I, I, III e Concepções usuais da Arte (p. 27 a 74).
- KIERKEGAARD, Soren. *O conceito de ironia* (constantemente referido a Sócrates). Petrópolis: Vozes, 1991.
- LARROSA, J. *La experiência de la lectura*. Barcelona: Laertes, 1998.
- LÉVINAS, E. *Totalidade e infinito*. Lisboa: Edições 70, 1988.
- LOCKE, John. Ensaio sobre o entendimento humano. In: NICOLA, Ubaldo. *Antologia ilustrada de filosofia: das origens à Idade Moderna*. São Paulo: Globo, 2005.
- RAMPAZZO, Érica dos Reis Segóvia da Silva. *Sylvia Orthof e a recuperação dos contos de fadas: O cômico vai à escola?* Dissertação de mestrado. Universidade Estadual de Maringá, 2004.
- ROHDEN, Luiz; PIRES, Cecília. *Filosofia e literatura: uma relação transacional*. Ijuí: Editora Unijuí, 2009.
- ROUSSEAU, Jean Jacques. *Ensaio sobre a origem das línguas*. Campinas: Editora da Unicamp, 2003.
- ROSA, João Guimarães. *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.
- SAPIR, Edward. *A linguagem: introdução ao estudo da fala*. São Paulo: Perspectiva, 1988.
- SCHILLER, Friedrich. *Kallias ou sobre a Beleza*. Tradução de Ricardo Barbosa. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.
- ZILBERMAN, Regina. *Estética da recepção e história da literatura*. São Paulo: Ática, 1989.
- WOLFF, Francis. *Dizer o mundo*. Tradução Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Discurso Editorial, 1999. (Coleção Clássicos e Comentadores).